

DANIELLA MARTINS COSTA

Caminhar para re-conhecer: um reencontro com Berlim na companhia de Franz Hessel

Walking to Recognize: A Re-encounter with Berlin in the Company of Franz Hessel

Caminar para re-conocer: un reencuentro con Berlín en compañía de Franz Hessel

Daniella Martins Costa

Arquiteta formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ/UFRJ (2012), Doutora em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFF (2017). Tem experiência na área do patrimônio cultural, tendo atuado profissionalmente em projetos no Brasil e nos Estados Unidos. Atualmente é Professora do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente - DPUR/FAU/UFRJ. É professora permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura-PROARQ/UFRJ, onde integra o Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA) e coordena o Laboratório Cidade e Memória (LCM).

Architect graduated from the Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), master's in architecture from the Graduate Program in Architecture - PROARQ/UFRJ (2012), PhD in Architecture on the Graduate Program in Architecture and Urbanism - PPGAU/UFF (2017). Has experience in the field of cultural heritage. Professor at the Department of Urbanism and Environment - DPUR/FAU/UFRJ. Since 2022 is a permanent professor at the Graduate Program in Architecture - PROARQ/UFRJ, where she is part of the Laboratory of Narratives in Architecture (LANA) and coordinates the City and Memory Laboratory (LCM).

Arquitecta por la Universidad Federal de Rio de Janeiro (2005), Magíster en Arquitectura y Urbanismo - PROARQ/UFRJ (2012), Doctorada en Arquitectura en el Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo - PPGAU/UFF (2017). Cuenta con experiencia en el campo del patrimonio cultural, habiendo trabajado profesionalmente en proyectos en Brasil y Estados Unidos. Actualmente es Profesora del Departamento de Urbanismo y Medio Ambiente - DPUR/FAU/UFRJ. Es profesora titular en el Programa de Posgrado en Arquitectura - PROARQ/UFRJ, donde forma parte del Laboratorio de Narrativas en Arquitectura (LANA) y coordina el Laboratorio de Ciudad y Memoria (LCM).

daniella.martins@fau.ufrj.br

Resumo

O trabalho aqui apresentado é uma reflexão para nos ajudar a lembrar da importância da cidade como ferramenta poderosa para guardar memórias e contar nossas histórias. Para isto, gostaríamos de convidar nosso leitor a usar uma ferramenta simples e há muito conhecida, a arte de se perder pelas ruas da cidade. O texto pretende compartilhar as experiências envolvidas no reencontro da autora com a cidade de Berlim, capital da Alemanha. Reencontro que se deu no âmbito de uma bolsa capes-print, edital para professor visitante júnior em 2024 que promoveu uma temporada de pesquisa e vivências e o reencontro com esta velha amiga. Os percursos aqui descritos são uma tentativa de re-conhecer a cidade deambulando, seguindo os passos de um dos mestres da flânerie, o alemão Franz Hessel, pouco conhecido do público brasileiro, bem como a memória pessoal da autora. Os percursos são um convite a caminhar e refletir sobre a importância da preservação do tecido histórico da cidade e sua matéria como guardiões da nossa memória, e tentar entender que impacto as rápidas transformações que tem desconectado nossas cidades de suas raízes e identidade tem causado não apenas em nossas cidades e seu tecido urbano, mas como isto tem afetado também a nós, seus habitantes. Assim, gostaríamos de trazer a tona temas discutidos a tanto tempo, como a cidade-genérica, identidade, espírito do lugar, caráter e atmosferas e que ainda precisam ser repetidos e lembrados para que possamos ser capazes ler nas entrelinhas as histórias que só uma cidade com tantos vestígios camadas como Berlim pode contar.

Palavras-chave: Berlim. Franz Hessel. Espírito do lugar. Identidade. Atmosfera.

Abstract

The work presented here is a reflection to help us remember the importance of the city as a powerful tool for preserving memories and telling our stories. To this end, we would like to invite our readers to use a simple and long-known tool: the art of getting lost in the city streets. The text aims to share the experiences involved in the author's reconnection with the city of Berlin, the capital of Germany. This reconnection took place as part of a Capes-Print grant, a call for a junior visiting professor in 2024, which promoted a season of research and experiences, and a reunion with this old friend. The journeys described here are an attempt to rediscover the city by wandering, following in the footsteps of one of the masters of flânerie, the German Franz Hessel, little known to the Brazilian public, as well as the author's personal memories. The routes are an invitation to walk and reflect on the importance of preserving the city's historical fabric and its materials as guardians of our memory, and to try to understand the impact the rapid transformations that have disconnected our cities from their roots and identity have had not only on our cities and their urban fabric, but also on us, their inhabitants. Thus, we would like to bring to light long-discussed themes, such as the generic city, identity, spirit of place, character, and atmospheres, that still need to be repeated and remembered so that we can read between the lines stories that only a city with as many layers of remains as Berlin can tell.

Keywords: Berlin. Franz Hessel. Spirit of the place. Identity. Atmosphere.

Resumen

El trabajo que aquí se presenta es una reflexión que nos ayuda a recordar la importancia de la ciudad como una poderosa herramienta para preservar la memoria y contar nuestras historias. Para ello, invitamos a nuestros lectores a utilizar una herramienta sencilla y conocida desde hace mucho tiempo: el arte de perderse en las calles de la ciudad. El texto busca compartir las experiencias que implicó la reconexión del autor con Berlín, capital de Alemania. Esta reconexión se produjo en el marco de una beca Capes-Print, una convocatoria para un profesor visitante junior en 2024, que promovió un ciclo de investigación y experiencias, y un reencuentro con este viejo amigo. Los viajes aquí descritos son un intento de redescubrir la ciudad a través del vagabundeo, siguiendo los pasos de uno de los maestros de la flênerie, el alemán Franz Hessel, poco conocido por el público brasileño, así como los recuerdos personales del autor. Las rutas son una invitación a caminar y reflexionar sobre la importancia de preservar el tejido histórico de la ciudad y sus materiales como guardianes de nuestra memoria, y a intentar comprender el impacto que las rápidas transformaciones que han desconectado a nuestras ciudades de sus raíces e identidad han tenido no solo en ellas y su tejido urbano, sino también en nosotros, sus habitantes. Así, nos gustaría sacar a la luz temas largamente debatidos, como la ciudad genérica, la identidad, el espíritu del lugar, el carácter y las atmósferas, que aún necesitan ser repetidos y recordados para que podamos leer entre líneas las historias que solo una ciudad con tantas capas de vestigios como Berlín puede contar.

Palabras clave: Berlín. Franz Hessel. Espíritu del lugar. Identidad. Atmósfera.

Uma versão inicial deste trabalho foi publicada nos Anais do 5º Congresso Internacional sobre Ambiências, 2024. Rio de Janeiro.

Introdução

A ansiedade envolvida nas preparações antes da viagem, eram as mesmas de quem está prestes a encontrar uma velha amiga. Destas amigas que são testemunhas de uma parte importante da sua história, aquelas que sabem segredos que você só divide e revisita acompanhado. Este trabalho é o relato da visita a uma velha amiga, a cidade de Berlim, uma amiga que não via a duas décadas.

Berlim, capital da Alemanha situada no norte do país é uma das cidades que fazem parte da história da autora. Lugar que contribuiu para minha formação com arquiteta e grande responsável pela definição do meu campo de interesse na pesquisa, memória, preservação e sítios históricos urbanos. As lembranças da cidade guardadas na memória eram da jovem estudante de graduação em arquitetura e de uma imagem de Berlim de 2002, um pouco mais de uma década após a queda do muro e da reunificação da Alemanha. No entanto, a cidade que esperava a professora da Faculdade de Arquitetura mais de vinte anos depois era outra.

Não foi exatamente uma volta no tempo, já que a cidade se expandiu e mudou numa velocidade que impedia o reconhecimento de espaços guardados na memória. Caminhar pela cidade, passou a ser um exercício em busca de lugares que ainda pudessem disparar a memória pessoal. Sair em busca da cidade da minha memória acabou me conduzindo a um companheiro inesperado, que me aguardava discretamente em uma livraria em um dos antigos bairros da cidade, o agora descolado Friedrichshain. O companheiro em questão, que se tornaria companhia presente para (re)conhecer a cidade é o escritor alemão Franz Hessel (1880-1941).

Hessel se define como um flâneur. É conhecido por seu trabalho na tradução de alguns dos volumes do livro 'em busca do tempo perdido' de Marcel Proust junto a Walter Benjamin (Talamo, 2014 p.9), suas produções literárias não são tão reconhecidas como as do parceiro de tradução, mas uma delas ganhou publicidade recentemente. A obra em questão, que me levaria para re-conhecer Berlim, é seu livro chamado Spazieren in Berlin, ou Passear em Berlim publicado pela primeira vez em 1929 e traduzido para o inglês em 2016. A Berlim de Hessel neste livro é a dos anos 1920, centro de ebulição da jovem República de Weimar que tenta olhar para o futuro e se livrar das marcas da monarquia que havia acabado de cair.

Um paralelo entre a Berlim de Hessel, tentando apagar marcas de guerra e usando a cena cultural para convencer o mundo de que a cidade estava aberta ao futuro e a Berlim de hoje, ainda em construção, cuidando de algumas cicatrizes e memórias do pós-guerra, enquanto outras são apagadas para materializar o futuro em seu tecido urbano, era inevitável. Assim este trabalho é o relato de uma tentativa de re-conhecer a cidade caminhando, seguindo os passos de Franz Hessel, e a memória pessoal da autora, para ler nas entrelinhas as histórias que só Berlim pode contar.

Jeder einmal in Berlin- Todos ao menos uma Vez Em Berlim

"Todos ao menos uma vez em Berlim"¹ foi uma campanha produzida pela cidade de Berlim no final da década de 1920 e transformado em uma canção pelo compositor Alemão Hugo Hirsch. A música é uma marcha alegre que convidava a todos que pudessem ao menos uma vez experimentar a cidade caminhando por suas ruas, como a elegante avenida Unter den linden e ou as margens do Rio Spree. A imagem

¹ Primeira campanha de marketing da cidade. A canção Jeder Einmal In Berlin foi gravada em 1927, composta por Hugo Hirsch, compositor alemão de origem judaica e era acompanhada dos cartazes com as fotos montagens do fotógrafo alemão Albert Vennemann - <https://blog.imagesmusicales.be/jeder-einmal-in-berlin/>

Caminhar para re-conhecer: um reencontro com Berlim na companhia de Franz Hessel

Walking to Recognize: A Re-encounter with Berlin in the Company of Franz Hessel

Caminar para re-conocer: un reencuentro con Berlín en compañía de Franz Hessel

descrita pela música era acompanhada de uma série de fotomontagens feitas pelo fotógrafo alemão Albert Vennemann, usando temas como monumentos e meios de transporte arrojados de Berlim, convidavam as pessoas a virem vivenciar a capital da Alemanha em sua nova fase como capital da República de Weimar.

Estas interpretações da realidade, música e fotomontagens, com suas várias camadas traduzem a Berlim dos anos 1920 e lembram que a cidade, já naquela época, era resultado de uma sobreposição de camadas. É exatamente assim que o professor de literatura alemã comparada da Universidade de Columbia, Andreas Huyssen descreve Berlim, um Palimpsesto, um “texto-cidade” (Huyssen, 2003, p.81) que, assim como as fotomontagens de Vennemann, se constitui de escritas sobrepostas, algumas muito recentes, outras que vão sendo reescritas enquanto partes do texto anterior são preservados. Mas um palimpsesto se configura também por seus apagamentos propositalmente, feitos para que outras escritas possam acontecer. No palimpsesto de Berlim, alguns destes apagamentos foram documentados, outros esquecidos propositalmente.

Interessante que em sua tentativa de definir o que é cidade, a arquiteta Raquel Rolnik, professora da FAU/USP também usa essa relação entre as histórias escritas e contadas pela cidade, como um livro em três dimensões que tem a capacidade de fixar a “memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte.” (Rolnik, 1995, p.9) O texto desta cidade-escrita, pode ser lido não apenas em sua arquitetura, mas através de sua paisagem, seus espaços urbanos e espaços livres, lotes, escalas, texturas e cores.

Berlim é um livro dos mais intrigantes, com as histórias mais diversas gravadas em sua malha urbana. Seus espaços livres contam histórias de outras vidas, algumas escondidas por uma cobertura vegetal densa que com o tempo transformaram bunkers de guerra ou torres de defesas antiaéreas abandonadas em tranquilos espaços verdes para descanso². Uma cidade com origens medievais no século XIII (Balfour, 1990; Stöver, 2020) que se consolida através da união de duas cidades mercantes Berlin e sua vizinha a pequena Cöln (Adam, 2023. P13). A importância das cidades a beira do rio Spree atraiu além de bons negócios, a nobreza e assim Berlin se estabelece com lugar de tomada de decisões.

Apenas no final do século XIX, em 1871 a história da cidade como capital da Alemanha começa a ser escrita quando o Império Alemão se estabelece sob liderança do Imperador Wilhelm I. Berlim avança com um crescimento constante e em 1867 começa a demolir suas muralhas, abrindo espaço para as linhas de trem que circulam pela cidade ainda hoje, conhecidas como ‘the ring’ (Ladd, 2018). O palimpsesto vai sendo apagado e a imagem medieval começa a dar lugar a um processo de renovação. O desenho da cidade sofre intervenções drásticas para receber boulevards e espaços alinhados com a modernidade, como tantas outras cidades europeias no mesmo período.

Acompanhando este ajuste na imagem urbana, a forte vocação industrial começa a florescer nas últimas três décadas do século XIX (Seldin, 2015, p.76). O território alemão se define após a I Guerra Mundial, e a monarquia responsável pela formação de espaços importantes da cidade, dá lugar a jovem República de Weimar (Idem). A Berlim, do século XX, leva um tempo para começar a figurar como uma das grandes metrópoles mundiais. A cidade enfrenta duas questões primordiais, a falta de habitação e dívidas de reparação pela participação do País na I guerra mundial.

² É o caso do Volkspark Friedrichshain, parque que nasceu sobre os bunkers da II guerra mundial e o Volkspark Humboldthain que recebeu os detritos da cidade destruída durante os ataques aéreos da II Guerra mundial que soterraram as torres de defesas antiaéreas usadas contra as forças aliadas nos ataques a cidade. (Stöver, 2020. p.78)

O lugar cosmopolita que Berlim se torna, e pelo qual seus anos 1920 são conhecidos, só começa a se consolidar a partir 1924, quando a estabilidade política e econômica permite que cidade se abra a uma vida cultural efervescente e se consolide como um centro de referência para a arte e arquitetura moderna e o entretenimento. (Stöver, 2012, p.55) A euforia dura até a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 (Idem) e vai dando lugar a grande insatisfação. Este é o gancho que ajuda a chegada ao poder do Partido Nazista em 1933, com um discurso político oficial do nacional-socialismo que desmantela a imagem da Berlim cosmopolita. A celebração da modernidade foi sendo aos poucos substituída pelo discurso da cultura popular alemã tradicional. (Seldin, 2015, p.78)

Esse capítulo da história alemã deixa marcas profundas em Berlim, ainda visíveis em partes da cidade. Como resultado dos anos em guerra, a cidade perde parte da capacidade de produção industrial local, perde “quase 1,5 milhões de habitantes” (Seldin, 2015, p.78), inúmeros edifícios são destruídos gerando aproximadamente “75 milhões de toneladas de detritos” (IDEM). Uma outra herança que ainda permanece, são as questões de ligadas a falta de habitação já que mais de meio milhão de casas foram destruídas durante os anos em guerra, o que representou a perda de 32% do total disponível em Berlim (Moss, 2020, p.144).

Huyssen resume bem a intensidade das camadas que se sucedem na cidade.

Era consenso que Berlim havia se tornado principalmente um espaço de memória, assombrado pelos fantasmas do seu passado: Berlim como centro de uma história descontínua e rompida, local do colapso de quatro estados alemães sucessivos, centro de comando do Holocausto, capital do comunismo alemão na Alemanha na Guerra Fria e ponto importante do confronto Leste-Oeste da era nuclear. Obcecada pela sua memória agitada após a queda do muro, a cidade mergulhou simultaneamente num frenesi de planejamento urbano e megaprojetos arquitetônicos que iriam codificar um novo começo e garantir a imagem de metrópole de Berlim durante as décadas seguintes. (Huyssen, 2003, p.77)

Caminhar para encontrar a cidade da memória

A história desta Capital palimpsesto tem ainda muitas camadas não contadas aqui, mas nos interessa entender a cidade que provoca nosso Flaneur e as relações que podemos fazer com a cidade hoje. A Berlim de Hessel é a cidade dos entreguerras, que ele descreve como “uma cidade sempre em movimento, sempre em meio a tornar-se alguma outra coisa” (Hessel, 2018 p.7) o que alguns afirmam que é a maldição de Berlim, a cidade “condenada a tornar-se e nunca realmente ser.” (Folkerts, 2022, p.22)

Mas apesar de encontrar muitos paralelos com a atmosfera da cidade hoje, o texto de Hessel é um mapa afetivo de suas caminhadas pela Berlim mítica dos anos 1920, que muitos descrevem como os “golden twenties” (Stöver, 2012, p.55). A tradutora do livro Spazieren in Berlim para a língua inglesa, Amanda de Marco, descreve a Berlim de Hessel como uma cidade que se modernizava rapidamente, mas que guardava em si um tumulto Político e econômico (De Marco in. Hessel, 2018, p.vii) traduzidos na descrição que ele faz da cidade que tenta sacudir a poeira da I Guerra mundial e se reerguer.

Walter Benjamin, com quem Hessel trabalhou nas traduções de alguns volumes de Marcel Proust e seu ‘Em busca do tempo perdido’ (Talamo, 2014, p.24) fala sobre essa capacidade de contar histórias em seu conhecido texto ‘o narrador’. Benjamin (1987) abre o texto com uma preocupação, “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (Idem, p.197) e fundamenta suas razões para se preocupar, “uma

das causas deste fenômeno é óbvia: as experiências estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (Idem p.198). Podia ser uma descrição da sociedade em que vivemos, onde experiências virtuais oferecem de forma sedutora a possibilidade de nos levar e experiências que superam a vida real. Até quando estamos fisicamente em algum lugar, sempre existe a possibilidade de um ‘tour virtual’ que oferece te levar numa jornada para ver “como nunca visto antes” ou pontos de vista “impossíveis de ver até o momento”³. Quando foi que nossos sentidos deixaram de ser suficientes? Precisamos de fato de ver tudo em grandes panorâmicas, ou da ajuda de drones, para ver como nunca vimos antes? Caminhar, sentir os cheiros locais, sentir a atmosfera através de suas temperaturas, cores, texturas já não nos satisfaz mais?

A obra de Franz Hessel, e sua flâunerie, podem nos convencer do contrário. “Eu pertenço a Rua, sou um transeunte” (Hessel in. Talamo, 2014) a frase mostra o ponto de vista das narrativas de Hessel, que se apoiam em suas ferramentas mais poderosas, seu corpo e seus sentidos. Deambular e descrever são seus instrumentos, ou seu método, para apreender a cidade, como ele mesmo descreve, “Caminhar lentamente pelas ruas movimentadas é um prazer particular.” (Hessel, 2018, p.01) e recomenda caminhar “em tempos difíceis” (Hessel, 1999, p.196) como antídoto para “evitar ser dominado pela modernidade e pela superficialidade autoritária da vida contemporânea” (Talamo, 2014, p.29) Estas caminhadas lentas são motivadas pelo desejo de mergulhar nas diversas atmosferas da cidade e experimentar como pela primeira vez, “gostaria de capturar e relembrar esses vislumbres da cidade em que vivo.” (Hessel, 2018, p.01).

Assim como ele, eu também queria capturar e relembrar a cidade onde havia vivido, e que duas décadas depois tinha dificuldade de encontrar. Ressabiada, resolvi me deixar conduzir por esse companheiro que não conhecia, e fui seguindo suas pistas literárias e encontrando vestígios da cidade descrita por ele ainda presentes. Em um dos textos sobre um tour na cidade, alguns dos lugares que ainda hoje são os marcos visitados já estavam ali elencados, como a ilha dos museus, a catedral, o palácio da cidade, demolido após a segunda guerra mundial e reconstruído novinho em folha hoje. Mas suas descrições dos lugares que não estão nos guias de viagem foi o que me fez fechar o livro e sair para caminhar.

[...] estrangeiros e companheiros de turismo, sigam meu conselho: se vocês estiverem nesta área e com tempo, percam-se um pouco aqui. Aqui, onde ainda existem ruas reais, e pequenos edifícios amontoam-se uns contra os outros, projetando as suas empenas, completamente desconhecidos, exceto para alguns conhecedores, nem tão vazios e nem tão distantes como são os edifícios realmente notáveis. (Hessel, 2018 p.58-tradução nossa; grifo nosso)

Perder-se na cidade, coisa que para Walter Benjamin é uma arte que “requer instrução” (1987, p.73). O convite era para se perder nos arredores do Nikolaiviertel, pequeno quarteirão da cidade reconstruído após a II Guerra Mundial, que guarda em seu interior “A igreja mais antiga da cidade, dedicada a São Nicolau” (Hessel, 2018, p.64), um dos poucos lugares que estava exatamente como minha memória se lembrava. Mas Hessel vai dando outras pistas e menciona um convento franciscano, de grandes proporções da qual não havia ouvido falar, e eu já havia morado na cidade por um ano inteiro! Explorando um pouco mais sobre a história desta região, não demorou muito para encontrar o convento, agora em ruínas, e para minha surpresa, o outro muro de Berlim, um trecho da antiga muralha medieval da cidade escondida, ou esquecida, na franja de um dos lugares mais caóticos da cidade, a Alexanderplatz.

³ Promessas feitas pelo tour virtual na catedral da cidade de Ávila na Espanha, onde se pode sentar em um banco e com ajuda de óculos de visão 3D, se ‘percorre’ o espaço sem sair do lugar. <https://www.diocesisdeavila.com/2022/11/30/la-catedral-de-avila-inaugura-su-novedosa-visita-virtual-360o-con-vuelo-de-dron/> - acesso em 11.06.2024.

E assim, lendo e mapeando os lugares que queria visitar com Hessel, fui adicionando novas camadas de memória junto às minhas antigas imagens da cidade. O que mais impressionava eram algumas descrições feitas na segunda metade da década de 1920 que ainda são capazes de traduzir Berlim hoje. Como quando a descreve a cidade como “teatro maravilhoso de ruínas e novas construções” (Hessel, 2018, p.69), algumas partes de Berlim ainda são este palco onde as ruínas já não são mais as da guerra, mas elementos que precisaram desaparecer para dar lugar à nova cidade.

Uma das descrições mais acurada de Hessel para a Berlim de hoje são os comentários que faz sobre Alexanderplatz, “ao passar os edifícios imponentes que abrigam a corte, chegamos aos arcos ferroviários da cidade, a Alexanderplatz, onde as coisas atualmente estão desordenadas porque todo o bairro está sendo demolido e reconstruído” (Idem, p.74). É exatamente a sensação que se tem caminhando pelo lugar hoje [2]. E mais adiante retoma o tema,

É ainda válido falar da Alexanderplatz de hoje e de ontem? Ela já terá desaparecido quando estas linhas forem impressas. Os bondes, ônibus e multidões já precisam contornar os canteiros de obras cercados e as profundas lacerações na terra. Até a rechonchuda deusa da cidade Berolina, que antes controlava daqui as idas e vindas de um alto pedestal, se afastou. (Hessel, 2018, p.185)

Esse estranhamento é o mesmo que tenho quando caminho pela cidade hoje. O incômodo não é pela quantidade de canteiros de obras, mas pelo que nasce deles, a nova Berlim. A nova escrita no palimpsesto está se fazendo com elementos que não dialogam com a atmosfera da cidade existente. Esse foi a grande questão na visita a esta velha amiga, não apenas não reconhecer a cidade, mas ver que a cidade está perdendo a identidade. Se a imagem que ficava na Alexanderplatz, a deusa Berolina⁴, é a personificação da cidade de Berlim (Klünner, 1963 p.79), então é fácil entender o motivo do seu desaparecimento, o espírito da cidade já não se reconhece mais.

Mas como já vimos anteriormente, um palimpsesto não é simples de se decifrar. Claire Colomb, professora de planejamento urbano da Universidade de Cambridge, afirma que “na maioria das cidades, as pessoas têm uma espécie de imagem na cabeça; uma imagem de como é a cidade através de uma coleção de ícones. Berlim não tem essa imagem.” (Colomb, 2004 p.4) A cidade, que perde sua relação com o centro quando dividida nos anos da guerra-fria, tem ícones urbanos que são mais poderosos isoladamente, do que em conjunto. São exemplos lugares já descritos aqui como a Alexanderplatz [2], bem como outros espaços que se desenvolveram muito nas últimas duas décadas como é o caso da Breitscheidplatz, [1],[4] que abriga em seu centro a conhecida Igreja Memorial, Gedächtniskirche, ou um dos grandes pontos focais do turismo na cidade, a East side Gallery, [3] que guarda o maior trecho do muro de Berlim, e uma nova arena de espetáculos, cuja escala e ambiência falam muito sobre esta nova atmosfera urbana. Isto para nomear alguns lugares que conheci a duas décadas atrás e, cuja plano de desenvolvimento urbano da cidade incluía romper com sua antiga atmosfera, mandando para mais longe a deusa Berolina.

Invocar esta personificação da cidade, me leva a pensar nas definições de espírito do lugar, ou Genius Loci, segundo trabalhando por Norberg-Schulz (2006) ou como encontramos no documento do ICOMOS conhecido como Carta de Quebec (2008). Eles nos falam de atmosferas urbanas, ou deste espírito que se forma unindo elementos

⁴ A estátua da deusa Berolina foi produzida a pedido do imperador Wilhem I para receber os soldados que retornavam da guerra franco-prussiana. Primeiro instalada na praça hoje conhecida como Mehringplatz. Uma segunda versão, da qual fala o artigo citado, foi instalada na Alexanderplatz “testemunhou a ascensão e queda da nossa cidade na Alexanderplatz. durante quase meio século em 1944. [...] durante a “guerra total”, como tantos outros monumentos e estátuas, foi classificado como “insignificante” artisticamente e encaminhada para ser desmantelada e derretida. [...] nada resta senão a memória - preservada viva na palavra “Berolina” obra de Emil Hundrieser “(Klünner, 1963, p.84)

tangíveis, a malha urbana, edifícios, paisagens, cores, texturas e aqueles que chamamos de intangíveis, isto é, as memórias, narrativas, comemorações, tradições, valores, cheiros etc. guardadas de alguma forma neste espaço e que contribuem para formar seu caráter específico. Esta atmosfera foi protegida pela deusa Berolina em algumas partes da cidade, mas em outras ela definitivamente se perdeu. Isto fica claro caminhando pela cidade, encontrando lugares em que a atmosfera me leva de volta a lugares da minha memória.

Os bairros onde ainda percebo a presença desta atmosfera são descritos por Hessel de uma forma ainda muito aproximada do que encontramos hoje. É o caso de bairros originalmente de operários e imigrantes, nos arredores do centro antigo da cidade, como Schöneberg, Kreuzberg e Neukölln. Hessel começa a descrever Kreuzberg com uma afirmação categórica “É obrigatório. Um Monumento.” Ele vai ao bairro para visitar o parque e monumento a vitória, desenhando por um dos mais importantes arquitetos alemães do séc. XIX Karl Friedrich Schinkel⁵, mas no caminho vai se distraindo com toda a vida do bairro materializada nas suas lojas, personagens e natureza. “Subo por ela, [a colina que leva até o monumento] agradecido por tudo que me atrasa no caminho” (Hessel, 2018, p.159) e “tonto pelos pensamentos de dias passados, e pela brisa da noite que traz o cheiro de malte das cervejarias, exatamente como em Munique.” (idem, p.164).

A Caminhada na companhia de Hessel me conectou a várias camadas guardadas em Berlim, uma cidade que vai além das histórias das guerras mundiais, divisões, muros e reunificação, temas materializados em suas camadas e que ainda atraem tantas pessoas a cidade hoje. Hessel me emprestou gentilmente sua Berlim idílica, ligada a infância passada em seus espaços públicos, e aquela ligada a agitação noturna da cidade, que ainda vibra na mesma frequência. As lacunas presentes na Berlim guardada na minha memória foram sendo preenchidas caminhando junto com este “sacerdote do Genius Loci” como descreve o amigo Walter Benjamin “com a dignidade de um sacerdote e nariz de detetive.” (Talamo, 2014, p.25)

Saiam vocês mesmos, sem rumo, assim como eu fiz, em pequenas viagens arriscadas de descoberta. Você não tem tempo? isso é falsa ambição falando. [...] Deem um pouco do seu amor a paisagem da cidade! (Hessel, 2018, p.257)

A cidade como paisagem formadora

Uma das coisas que aprendi seguindo os passos do meu novo amigo foi sobre a importância de poder ler as histórias que a cidade tem para contar. Encontrar esta outra Berlim, a mítica cidade do meu companheiro de caminhadas, não diminuiu o incômodo do olhar da arquiteta para a cidade hoje. O crescimento acelerado das últimas duas décadas em trechos representativos da cidade espantou a deusa Berolina, o espírito da cidade, e dissipou sua atmosfera. Enquanto outros trechos da cidade, menos interessantes do ponto de vista da especulação imobiliária, seguem guardando este caráter. A questão que paira no ar é sobre a responsabilidade que nós, arquitetos e planejadores urbanos, temos na criação destas cidades homogeneizadas, sem caráter e identidade, que o arquiteto holandês Rem Koolhaas define como “cidade genérica” (Koolhaas, 2010).

Em seu texto, escrito a trinta anos atrás, Koolhaas começa o convite a reflexão com a incômoda pergunta: “será a cidade contemporânea como o aeroporto contemporâneo,

⁵ N.A. Arquiteto, urbanista e pintor. Também fazem parte de seu portfólio projeto de mobiliário e cenários para teatro. Schinkel foi um dos arquitetos mais proeminentes da Alemanha e projetou edifícios neoclássicos e neogóticos, como o Altes museum e a Konzerthaus em Berlim.

Caminhar para re-conhecer: um reencontro com Berlim na companhia de Franz Hessel

Walking to Recognize: A Re-encounter with Berlin in the Company of Franz Hessel

Caminar para re-conocer: un reencuentro con Berlín en compañía de Franz Hessel

igual a todos os outros?” (Koolhaas, 2010. p.31) Este é o cenário que temos visto em nossas cidades contemporâneas, e pelas quais nós arquitetos e urbanistas, planejadores destes espaços, somos em grande parte responsáveis. Em que momento, nossas pranchetas de projeto perderam a conexão com nossas raízes? Perdemos a capacidade de imaginar cidades que dialoguem com nossa história e identidade?

Gosto de fazer um exercício com os alunos quando estamos estudando o conceito de paisagem, mostro imagens de cidades em partes diferentes do mundo e peço identifiquem o lugar. Sem legenda algumas das cidades são normalmente confundidas com outras. É esta a sensação que tenho ao caminhar por partes de Berlim hoje. Assim como em outras cidades do mundo, as novas camadas adicionadas ao palimpsesto berlinense nos últimos vinte anos já não carregam mais os elementos que “possuem substância material, forma, textura e cor” e que juntas determinam uma “qualidade ambiental” que atribui caráter ao lugar [1], como define Norberg-Schulz (2006, p.444).

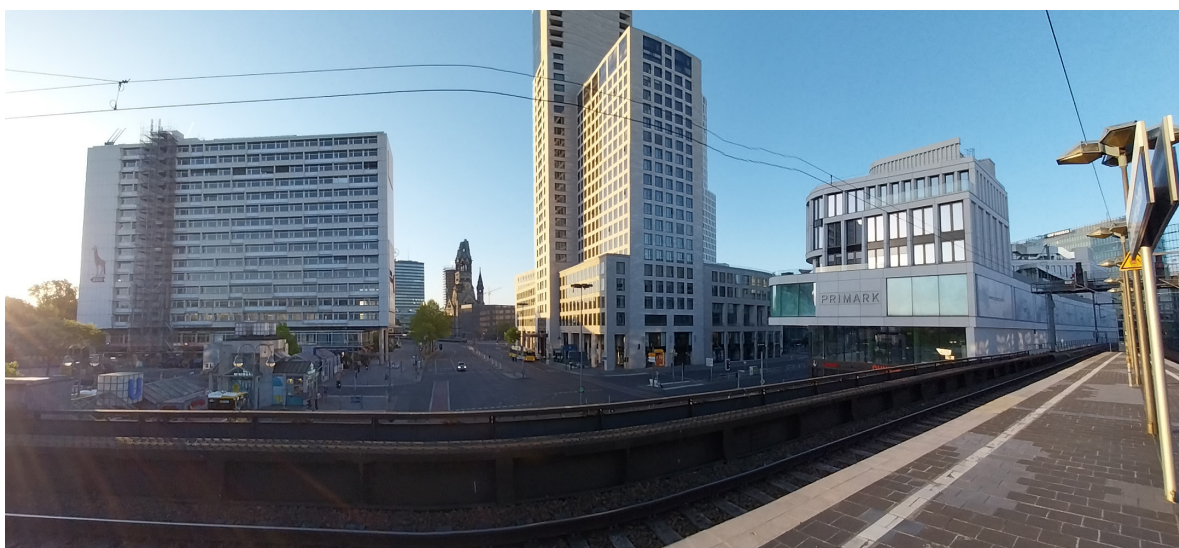


FIGURA 1 – Vista da Breitscheidplatz com seus novos edifícios rompendo a escala histórica da praça. Ao fundo a Igreja Gedächtniskirche

Fonte: acervo pessoal da autora. (2024).

Segundo Norberg-Schulz (2006) este caráter, criado pela mistura de elementos intangíveis, “uma atmosfera geral e abrangente”, bem como elementos tangíveis, “substância concreta dos elementos” é o que atribui qualidade, ou caráter, aquele espaço. Mas apesar de entender a importância da manutenção deste caráter na relação com os espaços em que vivemos, as cidades precisam se modificar para continuar existindo, como o corpo humano, que precisa que algumas células morram para que novas possam nascer. Uma cidade congelada no tempo, tende a perder sua função como provedora de abrigo, trabalho e lazer, e pode acabar virando um museu a céu aberto, como temos visto acontecer em alguns sítios urbanos históricos.

É normal que os lugares mudem, as vezes muito rapidamente. Isso não significa, porém, que o genius loci necessariamente mude ou se extravie. (Norberg-Schulz, 2006, p.454)

Como conjugar a estabilidade proporcionada pela manutenção da atmosfera da cidade e ao mesmo tempo permitir que a cidade se desenvolva de forma dinâmica sem se transformar em uma cidade genérica? Kevin Lynch em seu livro ‘a imagem da cidade’ nos lembra que a cidade nunca será um produto pronto, mas “somente uma continua sucessão de fases” (1990, p.12). No caso de Berlim, a imagem que a cidade apresenta hoje é o produto de um projeto, uma tentativa de juntar fragmentos e seguir ocupando um espaço junto a outras grandes capitais europeias.

[...] a Berlim pós-muro é um laboratório fascinante de mudança urbana que ilustra – embora não de uma forma paradigmática – vários processos (parcialmente inter-relacionados): a transição para uma cidade unida após uma história de conflito e divisão; as transições para uma cidade capital em uma nação redefinindo a sua identidade nacional. A transição de uma cidade socialista para uma cidade capitalista; e a transição de uma metrópole industrial para uma metrópole pós-industrial ou pós-fordista. (Colomb, 2012, P.7 – tradução nossa)

A cidade escolheu juntar seus fragmentos, e cuidar de suas cicatrizes chamando atenção para esta nova capacidade de produção. A nova Berlim, que nasce em lugares onde uma parte delicada da história da cidade estava materializada em seu tecido urbano, como os lugares de implantação do muro de Berlim e seus espaços esvaziados de controle, hoje transformado na East side Gallery [3]. Ou a icônica igreja memorial do Imperador Wilhelm I, cujo projeto corajoso para uma Berlim da década de 1950 que se reconstruía no pós-guerra, escolhe manter a cicatriz da destruição da guerra em seu corpo, e que de ponto focal da praça Breitscheidplatz, passa a simples coadjuvante, engolida pela nova escala dos seus vizinhos. [1][4]

Tudo isto, me leva a pensar na cidade-escrita, mas desta vez do ponto de vista da sintaxe, ou seja, da construção da frase. É a analogia que faz o sociólogo norte-americano Richard Sennet, em seu livro Construir e Habitar (2018). Ele sugere que a cidade, como um texto, pode adquirir caráter que as distingue de outra, quando bem pontuada (Sennet, 2018, p.241). Segundo ele, elementos que são ponto de exclamação, ou uma ênfase urbana, como “obeliscos, antigas catedrais góticas com suas altas torres [...] são marcos que ajudam a localização das pessoas” (Idem). Mas, o que acontece quando os pontos de ênfase se repetem em excesso, ou usam a mesma fórmula? Nós perdemos a capacidade de nos localizar e nos identificar com o sítio. A escolha de produzir uma cidade com qualidade genéricas, está produzindo uma cidade-escrita difícil de interpretar, em uma velocidade difícil de acompanhar. E o risco que corremos é entrar em analfabetismo urbano, vamos nos tornar incapazes de ler as camadas da cidade, já que estas são agora meras repetições de atmosferas de outros lugares.

Estudando conjuntos urbanos protegidos, por guardar em si esta atmosfera, a arquiteta carioca Dora Alcântara tenta explicar por que, neste caso específico os conjuntos preservados na cidade de Petrópolis/RJ, causam esta sensação de bem-estar aos seus usuários. O conjunto foi tombado justamente porque possuía uma coesão e uma relação com a paisagem que guardava esta atmosfera característica da cidade.

FIGURA 2 – Vista da Alexeplatz “maravilhoso teatro de ruínas e novas construções”.

FIGURA 3 – East Side Gallery – Vista do muro e as novas inserções na região.

FIGURA 4 – Vista da Breitscheidplatz com a igreja memorial ou Gedächtniskirche ao centro.

Fontes: acervo pessoal da autora. (2024).



Embora elementos de uma arquitetura média, produto as vezes de acréscimos, elas nos afiguram extremamente agradável. O porquê desse agrado, da identificação que com ela sentirmos, reside a nosso ver, no fato de ser ela resultante de transformações discretas de modelos básicos, há séculos encampados por nossa cultura, assimilados, portanto, a nossa sensibilidade. (ALCANTARA,1980 p.02-grifo nosso).

Reflexões pelo caminho ou Considerações Finais

Depois de caminhar tanto nos resta sentar e refletir. É muito claro que em uma cidade a mudança é inevitável, mas o tempo da mudança e este diálogo com a história e o caráter da cidade podem ser afinal a chave para manter presente o espírito do lugar. Mudanças drásticas em um curto espaço de tempo podem resultar na perda da atmosfera que impacta na formação de uma identidade local. E assim, vamos perdendo a habilidade de ler as camadas e escrita da cidade, que vão se tornando indecifráveis e defeituosa (Koolhaas,2010) justamente porque são repetições de fórmulas de outros contextos. Não que estas mudanças apaguem completamente o texto urbano, mas pode acontecer que nossa intervenção sobre o tecido urbano crie “um analfabetismo, uma nova cegueira”. (Idem, p.45) A conexão e o respeito a nossas raízes e identidade deixam de ser um qualificador do projeto urbano para dar lugar ao ‘ambiente instagramável. Ou seja, uma alta audiência em redes sociais vale mais do que um texto urbano em que se possa ler nossa história.

Perder esta conexão coloca em risco nosso futuro, já que como nos lembra Norberg-Schulz (2006, P.457) o lugar que habitamos tem uma relação profunda com a formação da nossa identidade como pessoas. Essa formação se dá através da experiência pessoal nestes lugares, suas narrativas compartilhadas, seus cheiros e sensações. Isto é o que vai criar este sentimento de identificação com alguns lugares, que podemos chamar de afeto. O espaço nos afeta e nos deixamos afetar.

Claro que em uma cidade-palimpsesto como Berlim essa relação de afeto é complexa, afinal as camadas sobrepostas que formam a cidade e sua história não são estáveis. Como já nos contava Hessel no final da década de 1920.

Nem tudo é fácil, ver ou viver numa cidade que está em constante movimento, sempre em vias de se tornar algo diferente e nunca descansa na forma de ontem. [...]É uma combinação de caos, luxo e maldade, solidez e espúrio, peculiaridade e respeitabilidade. (Hessel,2018, p.260)

Mas, ele insiste que uma vez que você se deixa conduzir, “é possível até que nos tornemos seus admiradores e a achemos bela” (Idem). Neste sentido, as derivas pela cidade são fundamentais para o estabelecimento de uma relação mais profunda com o lugar. Caminhar acompanhada pelas narrativas de Hessel, me deixando conduzir por ele e suas memórias, que de alguma forma foram se juntando as minhas, foi aos poucos me devolvendo a cidade, não aquela da minha memória, mas uma outra. Uma nova camada de memória que foi se formando neste exercício de caminhar para entender a cidade e encontrar os lugares onde a deusa Berolina ainda se esconde.

Este flâneur por excelência segue caminhando, ainda quando sua própria liberdade de ir e vir pela cidade já estava sendo impedida pela ascensão do nacional socialismo. Em sua última publicação em vida Hessel escreve os textos reunidos no livro ‘Exortação ao prazer’. No último texto do livro, intitulado “A arte de Passear” encontramos recomendações para os que estão se iniciando na arte de construir a

paisagem caminhando pela cidade. Para isto, ele recomenda não começar em um ponto desconhecido, mas ao contrário, conquistar primeiro sua própria cidade ou vizinhança como exercício para re-conhecer a paisagem. Segundo ele, as ruas onde vivemos diariamente é por onde devemos nos lançar para descobrir suas histórias e observar como elas se “tornam, alternadamente ou continuamente, mais silenciosas e animadas, mais elegantes e mais pobres, mais compactas e mais fragmentadas.” (Hessel,1999. p.338) e isto vai nos ajudar a entender como nosso caminhar transforma e afeta o lugar (Careri,2013), dando outro significado aos espaços que percorremos.

Assim seguimos caminhando para aprender do espírito da cidade, a ler a história deste palimpsesto, ou texto-cidade. Respeitando suas cicatrizes e o tempo que precisamos para digerir as mudanças necessárias, só assim seremos capazes de produzir cidades com caráter e afeto.

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) [Código de Financiamento 001] através do Programa-Capes: PRINT - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO, EDITAL Nº 41/2017 - ALTERAÇÃO V/2018 - PRINT CAPES_ PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PROFESSOR VISITANTE JUNIOR NO EXTERIOR – 2023.

Referências

Todas as citações diretas foram traduzidas pela autora

- ADAM, Christian. **Berlin a Short History**. Berlin: Bebra Verlag,2023.
- BALFOUR, Alan. **Berlin, the politics of order: 1737-1989**. Berlin: Rizzoli International Publication,1990.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes, o caminhar como prática estética**. São Paulo: ed. Gili,2013
- COLOMB, Claire. **Staging the new Berlin: Place marketing and the Politics of Urban reinvention post-1989**. Londres: Routledge, 2012.
- ICOMOS. **Declaração de Quebec: Sobre a preservação do "Spiritu loci"**. In. 16th 16ª Assembleia Geral do ICOMOS em Quebec. 2008.<https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts> - acesso: 12/06/2024.
- HESSEL, Franz. **Walking in Berlin: A flaneur in the Capital**. Tradutora: Amanda de Marco. Scribe,2018.
- **Ermunterungen zum Genuss**. Berlin: Das Arsenal,1999.
- HUYSEN, Andreas. **Present pasts: Urban Palimpsests and the Politics of Memory**. Stanford: Stanford university Press, (2003)
- KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre a cidade**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili,2010.
- KLÜNNER, Hans-Werner **Die Berolina — Symbol und Denkmal einer Epoche**. Jahrbuch für Brandenburgische Landesgeschichte . nº14, p.79-85. 1963 <https://doi.org/10.18452/5445>

LADD, Bryan. **The Ghosts of Berlin**: Confronting German history in the city landscape. Chicago: The University of Chicago Press, 2018.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1990.

MOSS, Timothy. **Remaking Berlin**: a history of the city through Infrastructure, 1920-2020. Boston: The MIT press, 2020.

ROLNIK, Rachel. **O que é cidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SELDIN, Claudia. (2015) **Da Capital de Cultura à Cidade Criativa**: Resistências a Paradigmas Urbanos Sob a Inspiração de Berlim. Tese (doutorado em Urbanismo) - Faculdade de arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SENNET, Richard. **Construir e Habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

STÖVER, Bernf. **Kleine Geschichte Berlins**. Berlin: C.H. Beck oHG, 2012.

TALLAMO, Beatrice. **Franz Hessel, Il flâneur rittornato**. Roma: Artemide, 2014.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 15/09/2025

Aprovado em 29/10/2025